

ESCOLA E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE MUDANÇA

Clenio Lago¹Dilva Bertoldi Benvenuti²Giovana Maria Di Domenico Silva³

Vivemos em um contexto em que os referenciais estruturais são questionados, que tudo beira a contingência. Portanto, é acertado debater sobre a educação, seu fundamentos, meios e fins e a relação entre estes, visto que a humanidade extingue-se e extinguiu-se em dados momentos, podendo isso ocorrer também via processos educativos. Assim, nos diz Levinas (2004, p. 157) na obra *Entre nós: ensaio sobre a alteridade*, referindo-se diretamente ao holocausto, “[...] pode haver períodos em que o humano se extingue completamente [...]”. No entanto, “[...] a capacidade constante de voltar ao diálogo, isto é, de ouvir o outro, parece-me ser a verdadeira elevação do homem à sua humanidade”, sinaliza Gadamer (2004, p. 251), na obra *Verdade e método I*. De outra maneira, pergunta Berticelli (2004, p. 78): “Haverá outros caminhos possíveis de instauração de sentido para o fazer e para o processo educacional?”

A resposta a esta indagação, inicialmente requer um mapeamento dos desafios, da compreensão do vivido. Dentre os desafios contemporâneos da educação, destacamos os apontados por Alfredo Veiga-Neto (2012, p. 268) quando diz que:

[...] a proclamada necessidade de uma educação permanente; os imperativos contemporâneos da flexibilização (principalmente curricular) e da inclusão; a celebração da diferença; o esmaecimento do disciplinamento e das tecnologias disciplinares – com a simetria ampliação das práticas de controle-; as candentes discussões sobre o papel das novas tecnologias na educação (seus usos, efeitos, vantagens, perigos etc.); as novas configurações e usos do tempo e do espaço; os destaques dados à *performatividade*, ao *consumo*, à *concorrência* e ao *empresariamento de si mesmo*.

Ao que parece, em meio aos desafios contemporâneos à educação, há a sensação de desumanização, de apenas encontrarmos o homem, a mulher, a criança, o idoso desconfigurado de sua condição humana, seja por exigências performáticas das metas, seja por incapacidade do dialogar, do conversar, do face-a-face.

Por outro lado, a realidade abre-se enquanto acontecimento, enquanto possibilidade o que implica compreender que não mais existem verdades, bases, modelos referenciais absolutos, mas possibilidades, perspectivas, interpretações, o humano como abertura, como relações. A realidade abre-se em acontecimento. A exigência agora é que o homem precisa orientar, viver sua vida a partir de novos valores que não sejam os já estabelecidos culturalmente até então e dados como prontos e imutáveis, visto que esses estão desgastados

¹ Doutor em Educação. Professor membro dos NDEs do curso de Educação Física e Psicologia da Unoesc/São Miguel do Oeste. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNOESC– Mestrado em Educação. Coordenador Institucional do Projeto “Estratégias e ações multidisciplinares nas áreas de conhecimentos das ciências humanas, ciências da natureza e linguagens, na mesorregião do oeste catarinense: implicações na qualidade da educação básica” – exercício 2013-2017. E-mail: cleniolago@yahoo.com.br

² Doutora em Educação nas Ciências (UNIJUÍ-RS). Professora do Curso de Pedagogia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), São Miguel do Oeste – SC. E-mail: dilva.benvenuti@unoesc.edu.br

³ Mestre em Educação (UPF), Coordenadora e professora do Curso de Pedagogia da UNOESC/SMO. giovana.silva@unoesc.edu.br

e não servem mais e poder ser esta abertura. É preciso, acima de tudo, partir daqueles princípios que estejam voltados à afirmação da vida, para além da moral de rebanho, para além do bem e do mal: ser fiel à terra. Isso não significa jogar tudo fora, guardar tudo, mas resignificar-se, reconstituir-se em perspectiva. No caso em perspectiva dialógica. Do contrário, corre-se o risco tanto do dogmatismo quanto do relativismo, da banalização da diferença, do outro, de cair numa pobreza de experiência, na diversidade com espectro de violência e banalização do mal. O que vem agora? O que há de vir? O ser que vem é o ser qualquer. “[...] mas ‘o ser que, seja como for, não é indiferente’; ele contém, dese logo, algo que remete para vontade (*libet*), o se qual-quer estabelece uma relação original o desejo”. (AGAMBEN, 1993, p. 11).

O homem enquanto humano é possibilidade, para além e aquém do costumeiramente esperado, desejado e formado, por ser “[...] o único ser [...] que estrutura suas possibilidades sobre sua finitude” (SALVETTI, 2014, p. 60). Significa dizer com Agamben (1993, p. 38):

[...] o homem não é nem terá de ser ou realizar nenhuma essência, nenhuma vocação histórica ou espiritual, nenhum destino biológico [...] Isso não significa, todavia, que o homem não seja nem deva ser alguma coisa, que ele seja simplesmente entregue ao nada [...] *é o simples facto da sua própria existencia como possibilidade ou potência.*

Portanto, em meio a toda uma crise de referenciais, de finalidades e meio, de horizonte e de promessas poder voltar-se às questões mesmas, constitui-se um importante primeiro passo, na medida em que agora, mais do que nunca, “[...] abre a chance de renovar periodicamente os objetivos da educação, que se desenvolvem através de uma diversidade de programas e expressem variantes de uma ideia de bem.” (HERMANN, 2001, p. 134). E, nisso tudo, é importante o modo como nos experimentamos uns aos outros, visto que temos as economias do eu, colocadas em jogo. Por isso, a “[...] a possibilidade do um-para-o-outro, um para o outro, que é o acontecimento ético” (LEVINAS, 2004, p. 17), na medida em que “o humano só se oferece a uma relação que não é poder” (LEVINAS, 2004, p. 33). E poder aqui entendido enquanto domínio.

Nesse contexto, uma atitude importante constitui-se em ser contemporâneo ao seu tempo para que, não simplesmente sejamos reféns do “passado”, reféns do futuro e do presente, mas como contemporâneos, possamos perguntar pelos horizontes e finalidades da educação. Portanto,

Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo. (AGAMBEN, 2009, p. 58).

Muito claramente, sistematizados por Veiga-Neto (2012), os desafios contemporâneos à educação evidenciam algo mais profundo, evidenciam uma crise sem precedentes, quanto aos referenciais de certeza, nos obrigando revisar a casa inteira, descobrir, reorganizar nossos porões, nosso sótão, nosso lugar, o sentido e significado de nossa prática. Assim, em meio ao qualquer que vem e pode vir, que se instala, ao Outro somos convocados, convocadas a sermos contemporâneos de nosso tempo. Somos convocados à educação enquanto natalidade (ARENDDT, 2005), à pensarmos a escola em tempos de

mudança. Pois com a crise da modernidade, dos ideais iluministas, a escola torna-se o grande alvo, na medida em que é confiada como lugar a responsável pela formação dos ideais de autonomia. Portanto, é, “a escola, [que] está no centro dos ideais de justiça, igualdade e distributividade do projeto moderno de sociedade e política” (SILVA, 1995, p. 245) que está em crise. Antes fechada em si, agora totalmente vulnerável a quaisquer projetos e propósitos, torna-se emergencialmente urgente refletir amplamente sobre os horizontes e finalidades da educação e conseqüentemente sobre o papel da escola em meio aos desafios contemporâneos que colocam em jogo não somente, os valores do nosso tempo, suas instituições, como recolocam a pergunta pelo sentido do humano.

A escola com um dos importantes lugares, espaços de formação emerge como um dos grandes desafios. Portanto, a escola para além do puro ensinar e aprender, mas como um lugar de formação enquanto comunidade escolar. Essa que como um todo se encontra do centro da crise social. Quais valores, práticas, processos educativos poderiam iluminar suas ações, seu ser escola?

Objetivamos sucintamente expor os motivos justificativos da temática do evento a fim de promover a reflexão compreensiva dos desafios atuais em educação, seja em ordem política, epistemológica e cultural, bem como analisar os rumos e horizontes da escola hoje, refletindo sobre sua finalidade em tempos de mudança.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. **A comunidade que vem**. Tradução de António Guerreiro. Lisboa/Portugal: Editorial Presença, 1993. p. 86.

ARENDT, Hannah. A condição humana. In: ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro W. Barbosa de Almeida. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BERTICELLI, Ireno Antônio. **A origem normativa da prática educacional da linguagem**. Ijuí/RS: UNIJUÍ, 2004.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método II: complemento e índice**. 2. ed. Tradução de Enio Paulo Giachini; revisão da tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback, Petrópolis/RJ: Vozes; Bragança Paulista/São Paulo: Ed. Universitária São Francisco, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução revisada de Márcia de Sá Cavalcante Schback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2011.

LEVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaio sobre a alteridade**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. O projeto educacional moderno: identidade terminal? In: VEIGA-NETO, Alfredo. (org.). **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995. p. 245-260.

VEIGA-NETO, Alfredo. É preciso ir aos porões. **Revista Brasileira de Educação**. v. 17, n. 50, maio-ago. 2012.